



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE UNB PLANALTINA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEIO AMBIENTE E
DESENVOLVIMENTO RURAL
(PPG-MADER)

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

JOSELITA CASTRO OLIVEIRA

JOSIE MELO DO NASCIMENTO ALVES

NEUZA CLAUDIA PEREIRA ANDRADE DA LUZ

**AS PRÁTICAS REALIZADAS PELA MULHER CAMPONESA E PELA
ESCOLA CLASSE PONTE ALTA DE CIMA DO GAMA-DF NA
PERSPECTIVA DOS PRINCÍPIOS AGROECOLÓGICOS**

BRASÍLIA-DF

2022

JOSELITA CASTRO OLIVEIRA

JOSIE MELO DO NASCIMENTO ALVES

NEUZA CLAUDIA PEREIRA ANDRADE DA LUZ

**AS PRÁTICAS REALIZADAS PELA MULHER CAMPONESA E PELA
ESCOLA CLASSE PONTE ALTA DE CIMA DO GAMA-DF NA
PERSPECTIVA DOS PRINCÍPIOS AGROECOLÓGICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Educação do Campo da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação do Campo.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a. Caroline Siqueira Gomide

Coorientador(a): Prof. MSc. Sérgio Luiz Teixeira

BRASÍLIA-DF

2022

RESUMO

Este trabalho investiga, na perspectiva dos princípios agroecológicos, as práticas da mulher camponesa e como elas podem contribuir com a práxis pedagógica da Escola Classe Ponte Alta de Cima (ECPAC) / Gama, Distrito Federal (DF). Nele contém elementos que buscam evidenciar a importância desses saberes femininos, a relação com a terra, sua resistência e relevância para a agricultura. Tem como objetivo geral identificar práticas pedagógicas realizadas pelas mulheres do campo para o desenvolvimento de produção de alimentos na perspectiva agroecológica e associar ao Projeto Horta realizado nesta Unidade de Ensino. A pesquisa foi elaborada a partir da análise da entrevista semiestruturada realizada com a dona Tereza, moradora da região denominada Buracão, localizada nas mediações circunvizinhas da escola. O trabalho utiliza ainda leitura de fontes documentais, entre eles registros pessoais, as Diretrizes da Educação do Campo da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), o Projeto Político Pedagógico (PPP) e o Inventário Histórico, Social, Cultural e Ambiental da ECPAC em construção desde 2015. Os estudos foram embasada em Caldart (2012) e Ribeiro (2017) no tocante aos conhecimentos em Educação do Campo e Agroecologia e a presença das mulheres é citada pelos pesquisadores Öcalan (2016) quanto à sua expressividade na agricultura e Alentejano (2012) nos movimentos sociais. Como resultado deste estudo, observa-se que os conhecimentos e saberes locais se aproximam dos princípios agroecológicos e por meio deles é possível fazer uma prática pedagógica contextualizada e mais significativa.

Palavras-chave: Agroecologia. Mulheres. Práticas pedagógicas. Educação do Campo.

ABSTRACT

This paper investigates, from the perspective of agroecological principles, the practices of peasant women and how they can contribute to the pedagogical praxis of the Escola Classe Ponte Alta de Cima (ECPAC) / Gama, Distrito Federal (DF). It contains elements that seek to highlight the importance of this feminine knowledge, the relationship with the land, its resistance and relevance to agriculture. Its general objective is to identify pedagogical practices carried out by rural women for the development of food production from an agro-ecological perspective and to associate it with the Vegetable Garden Project carried out in this Teaching Unit. The research was developed from the analysis of the semi-structured interview conducted with Ms. Tereza, a resident of the region called Buracão, located in the immediate surroundings of the school. The work also uses the reading of documental sources, including personal records, the Guidelines of Field Education of the Secretariat of Education of the Federal District (SEEDF), the Political Pedagogical Project (PPP) and the Historical, Social, Cultural and Environmental Inventory of ECPAC under construction since 2015. The studies were based on Caldart (2012) and Ribeiro (2017) regarding the knowledge in Field Education and Agroecology, and the presence of women is cited by the researchers Öcalan (2016) regarding their expressiveness in agriculture and Alentejano (2012) in social movements. As a result, it is observed that local knowledge and wisdom are close to the agroecological principles and through them it is possible to make a contextualized and more meaningful pedagogical practice.

Keywords: Agroecology. Women. Pedagogical practices. Field Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – A ECPAC e seus territórios	10
Figura 2 – Representação feita por uma criança do trajeto da sua casa até a escola.....	11
Figura 3 – Fachada atualizada da ECPAC.....	14
Figura 4A – Palestra contra o Feminicídio SINPRO-DF e ECPAC.....	16
Figura 4B – Concurso de desenho ALUNOS – SINPRO-DF e ECPAC	16
Figura 4C – Concurso de desenho PAIS – SINPRO-DF e ECPAC.....	17
Figura 5 – Estudante no sítio da Dona Terezinha	21
Figura 6 – Dona Terezinha com seu café recém-torrado	23
Figura 7 – Dona Terezinha com filha, neta e bisnetos	24
Figura 8 – Dona Tereza junto ao seu engenho	26
Figura 9 –Dona Tereza torrando café produzido em suas terras	27

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CECAFÉ – Conselho dos Exportadores de Café do Brasil
- CRE – Coordenação Regional de Ensino
- DF – Distrito Federal
- EAPE – Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação
- ECPAC – Escola Classe Ponte Alta de Cima
- EJA – Educação de Jovens e Adultos
- EMATER-DF – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal
- GO – Goiás
- Km – Quilômetro
- MEC – Ministério da Educação
- MG – Minas Gerais
- MMC – Movimento das Mulheres Camponesas
- PPP – Projeto Político Pedagógico
- SINPRO-DF – Sindicato dos Professores no Distrito Federal
- SEEDF – Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal
- TC – Tempo Comunidade
- TU – Tempo Universidade
- UNB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO.....	10
3 CONTEXTO HISTÓRICO-PEDAGÓGICO.....	15
4 MULHERES CAMPONESAS.....	18
5 DONA TEREZA.....	21
6 RELAÇÃO ESCOLA DO CAMPO/CONSTRUÇÃO DOS PRINCÍPIOS AGROECOLÓGICOS VIVENCIADOS POR UMA MORADORA DA COMUNIDADE.....	29
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
8 REFERÊNCIAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de compartilhar as contribuições do Curso de Especialização de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação do Campo, ofertado para professores das Escolas do Campo da Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal, identificando, reconhecendo e desenvolvendo práticas pedagógicas, a partir da valorização dos fazeres e saberes das populações camponesas.

A proposta pedagógica do curso acontece em alternância de tempos e espaços formativos. Um deles, é o Tempo Universidade (TU), com momento de estudos teóricos e experiências de unidades escolares que já implantaram práticas pedagógicas que apontam para a construção de uma Escola do Campo que valoriza a identidade camponesa. Já no Tempo Comunidade (TC), as educadoras e educadores das Escolas do Campo são motivados a realizar uma pesquisa para a conclusão do trabalho do curso.

Acerca da identidade das escolas do campo, a resolução do Conselho Nacional de Educação dispõe no artigo 2º, parágrafo único:

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (BRASIL, 2002).

A Escola Classe Ponte Alta de Cima (ECPAC) é uma instituição pública, caracterizada na modalidade Educação do Campo, integrante do quadro da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), vinculada à Coordenação Regional de Ensino do Gama (CRE Gama). Na busca do fortalecimento da sua identidade camponesa, procura desenvolver ações visando aos princípios agroecológicos. Observando a representatividade feminina marcante na comunidade, fomos provocadas a buscar resposta à indagação: quais práticas realizadas pela mulher camponesa e pela Escola Classe Ponte Alta de Cima (ECPAC) se aproximam das práticas e dos princípios agroecológicos?

Para responder a essa pergunta, a pesquisa traçou o seguinte objetivo geral: identificar práticas pedagógicas realizadas por mulheres para o desenvolvimento de produção de alimentos na perspectiva agroecológica e associar ao Projeto Horta,

realizado nesta Unidade de Ensino. Os objetivos específicos são: i. reconhecer e desenvolver práticas agroecológicas, enquanto Escola do Campo; ii. aproximar práticas e princípios agroecológicos realizados pelas mulheres camponesas na práxis pedagógica.

Na fase investigativa, realizaram-se estudos, leituras e análises de documentos institucionais, tanto da SEEDF quanto da ECPAC, textos de referências, artigos e saída de campo com os estudantes da escola, para reconhecimento do território e realização de entrevista semiestruturada, com participação da equipe gestora, corpos docente e discente e representantes da comunidade que visitaram uma das moradoras da região, no intuito de conhecer as práticas e princípios agroecológicos utilizados pelas mulheres camponesas, visando à relação destes com os conhecimentos curriculares da Escola do Campo.

O modo de vida e a identidade territorial camponesa são partes integrantes do projeto educativo. Cabe ressaltar que o território tem um conceito mais amplo e não se reduz ao espaço geográfico.

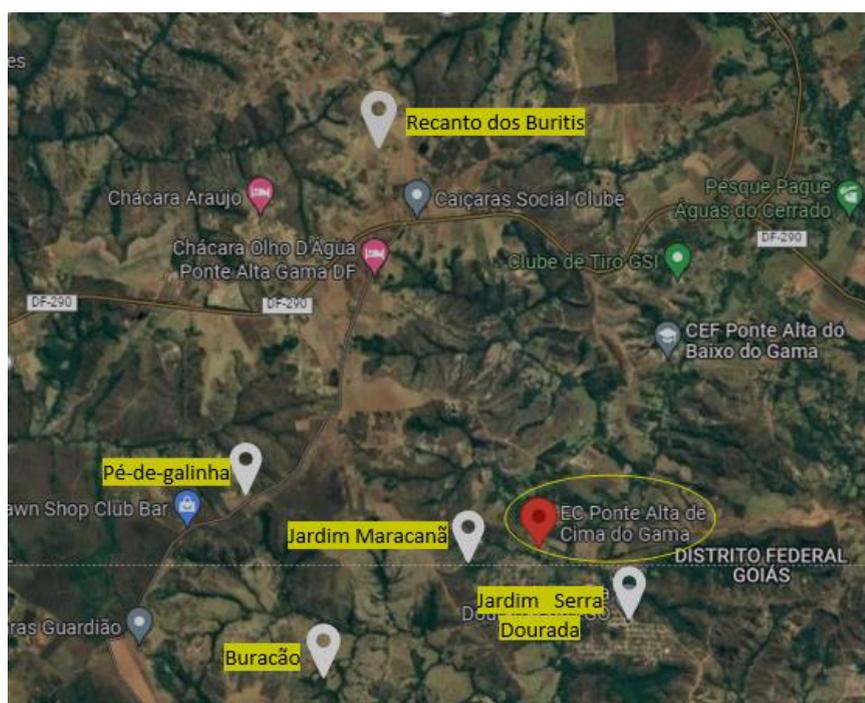
2 CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

A Escola Classe Ponte Alta de Cima (ECPAC) (**Figura 1**) está localizada no sudoeste do Distrito Federal (DF), no Núcleo Rural Ponte Alta, a 21,3 km do centro da cidade do Gama (Região Administrativa II). Localiza-se na divisa do DF com o município de Santo Antônio do Descoberto, no estado de Goiás (GO).

Do lado do DF, além das regiões mais próximas à escola, também são atendidos alunos do “Pé-de-galinha” e “Recanto dos Buritis”, que distam aproximadamente 5 km e 15 km, respectivamente.

Do lado do Goiás, são atendidos estudantes residentes nos loteamentos “Jardim Maracanã”, em torno de 1 km, “Jardim Serra Dourada”, a 3 km e a região do “Buracão”, a 5 km de distância da escola.

Figura 1: A ECPAC e seus territórios.



Fonte: GOOGLE MAPS, 2022.

De todo esse espaço geográfico, é possível afirmar que, atualmente, cerca de 35% dos alunos da ECPAC são do Distrito Federal e 65% são do estado de Goiás. É relevante mencionar que esses percentuais variam muito, devido à rotatividade dos alunos da Escola do Campo.

Todo o território abriga lotes residenciais, chácaras e fazendas, algumas de produção de alimentos agropecuários, outras para lazer de fim de semana.

O desenho que um estudante fez na escola (**Figura 2**), durante uma atividade proposta de atualização do Inventário Histórico, Social, Cultural e Ambiental, representa uma leitura da sua realidade e do seu território, reafirmando a sua identidade como sujeito do campo.

Figura 2: Representação feita por uma criança do trajeto da sua casa até a escola.



Fonte: INVENTÁRIO ECPAC, 2017.

Conhecer para pertencer. É necessário conhecer e reconhecer o espaço no qual se está inserido para criar sentimentos de pertencimento e, assim, formar uma identidade camponesa. Para Fernandes (2012), “o território camponês é o espaço de vida do camponês. É o lugar ou os lugares onde uma enorme diversidade de culturas camponesas constrói sua existência.”

Compreende-se o território como espaço que circunda, onde se estabelecem as mais diversas relações, que representam as lutas, aprendendo, convivendo e fortalecendo a identidade do povo camponês.

A região, em meados de 1960, tinha 4 fazendeiros que formavam a população local, juntamente com os trabalhadores das fazendas, segundo relato de moradores.

Eles faziam da terra o sustento da família. Alguns criavam gado para compra e venda, bem como para a produção de leite e queijo.

Nessa época, pela falta de escola na localidade, a comunidade tinha de se deslocar ao Gama ou, até mesmo, a Luziânia, que eram as cidades mais próximas tanto para acesso ao estudo quanto para o comércio. Também, segundo relato, os filhos dos fazendeiros eram os que davam aula para os filhos dos trabalhadores.

Com o passar do tempo, um filho desses fazendeiros, chamado Elpídio Ribeiro da Costa, foi mobilizando a população para tentarem a construção de uma escola, que fosse do DF e atendesse às demandas da comunidade. À época da construção, foi muito bom para a região, sendo resultado da luta da comunidade.

Hoje, a comunidade atendida pela escola é formada por moradores que vivem em lotes residenciais, chácaras, fazendas e sítios da região que se localizam a uma distância de até aproximadamente 15 km desta Unidade de Ensino. Atualmente, a maioria dos estudantes utiliza o transporte escolar disponibilizado pelo governo local para chegar até a escola.

De modo geral, as famílias da comunidade apresentam baixo rendimento financeiro mensal, muitos são assalariados e se deslocam até a cidade para exercerem atividades em comércios, residências, serviços gerais ou outras funções.

Tem-se também na comunidade produtores que cultivam diversos vegetais, frutas nativas e não nativas, criam animais, produzem alimentos, como queijos, requeijões, biscoitos e produtos artesanais, muitas vezes realizados pelas mulheres, bem como a venda nas feiras livres da região.

Apesar das várias dificuldades enfrentadas, é possível perceber o esforço de algumas famílias para oferecer mais qualidade ao processo de escolarização dos estudantes, inclusive incentivando-os à continuidade acadêmica para alcançar também o ensino superior.

Em relação à oferta da Educação Básica no campo, verifica-se que na comunidade, assim como em muitas outras realidades, faltam políticas públicas que valorizem os sujeitos e a permanência no seu território, sendo esse um dos principais fatores que levam à evasão escolar.

A escola (**Figura 3**), fundada em abril de 1980, é fruto da luta de moradores da região que reconheciam a importância da implementação de uma escola pública para a formação das crianças da comunidade. Foi construída em um terreno doado pelo senhor Elpídio Ribeiro da Costa, proprietário de terras na região, situada às margens do Rio Ponte Alta – Fazenda Ponte Alta – na divisa DF-GO. Está localizada na área onde antigamente havia uma fazenda com o mesmo nome. Isso explica por que o endereço da escola é DF 290, Km 14, Fazenda Ponte Alta de Cima.

Esse cenário reflete bem a função social das escolas do campo como espaço de luta, resistência e que retrata as contradições existentes no mundo social, sem a justa distribuição dos bens necessários à sobrevivência digna. Assim, a escola ocupa um lugar muito importante na luta por uma sociedade igualitária, onde todos tenham as mesmas oportunidades. De acordo com seu Projeto Político Pedagógico (PPP), a ECPAC tem como função social:

Trabalhar para uma educação de qualidade, no interesse da comunidade do Campo, cooperando para o sucesso do aluno dentro do tempo legal, respeitando e valendo-se das especificidades do local, oportunizando um ambiente agradável, estimulante, acolhedor, plural, democrático, justo e ético, primando pelo respeito às diferenças e o atendimento às necessidades de todos os alunos. Pretender cooperar de forma comprometida com a Educação para a Sustentabilidade Humana, preservação do meio ambiente, promoção da saúde, do lazer e da cultura, proporcionando ao aluno vivências de situações que o ajudem a interagir no mundo atual como cidadão crítico, participativo, reflexivo, ético, criativo, solidário e autônomo (ESCOLA CLASSE PONTE ALTA DE CIMA, 2022, p.12).

Desde a sua fundação, a ECPAC busca cumprir sua função como escola do campo, buscando práticas pedagógicas em uma perspectiva de transformação social, emancipatória e de valorização do território e da cultura local, assim como lembra Caldart (2007):

O campo não é qualquer particularidade, nem uma particularidade menor. Ela diz respeito a uma boa parte da população do país; ela se refere a processos produtivos que são a base de sustentação da vida humana, em qualquer país. Não é possível pensar um projeto de país, de nação, sem pensar um projeto de campo, um lugar social para seus sujeitos concretos, para seus processos produtivos, de trabalho, de cultura, de educação (CALDART, 2007, p. 3).

No ano de 2022, cerca de 130 alunos estão matriculados na ECPAC, distribuídos em 10 turmas, desde a 1ª etapa da Educação Infantil até o 5º ano do Ensino Fundamental.

Figura 3: Fachada atualizada da ECPAC.



Fonte: Lopes (2019).

3 CONTEXTO HISTÓRICO-PEDAGÓGICO

Ao longo de seus 42 anos, a escola contava com o cultivo de hortaliças, realizado por alguns servidores que por aqui passaram. No entanto, percebeu-se que na comunidade é comum a prática da agricultura familiar. Ainda que executada por um grupo reduzido, essa atividade produtiva expressa estreito diálogo com os princípios da Educação do Campo. A escola já estabelecia uma boa relação com a comunidade escolar, uma vez que muitos que moram ali e têm suas famílias formadas, já estudaram na ECPAC, têm ou já tiveram familiares que estudaram também. Então, quando a escola se debruçou em construir o seu Inventário Histórico, Social, Cultural e Ambiental, a fim de conhecer melhor a realidade ao seu redor, se reconhecer e construir uma identidade como Escola do Campo, percebeu-se a necessidade de agregar a prática do plantio às suas práticas pedagógicas.

Preliminarmente, contamos com a parceria da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (EMATER-DF), que forneceu instrumentos e deu orientação específica a alguns profissionais da escola entre professores, equipe gestora, coordenação pedagógica e auxiliares em educação, sobre o manejo adequado da plantação e ficando estes responsáveis por compartilhar a formação com todos da comunidade escolar.

A escola também destinou recursos específicos para esse fim. Em seguida, foi a vez do coletivo escolar se mobilizar para colocar em prática o Projeto Horta e mudar o foco, passando de um simples cultivo para uma ferramenta pedagógica.

Com o amadurecimento das atividades de produção de alimentos e uma visão mais sustentável, ampliaram-se os questionamentos quanto às práticas agroecológicas e pedagógicas, respeitando a terra e o meio ambiente como um todo, fortalecendo reflexões quanto às possibilidades de uma agricultura livre de fertilizantes industriais e agrotóxicos.

A formação continuada de seu corpo docente foi uma busca da ECPAC, em conjunto com a Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EAPE), a Coordenação Regional de Ensino (CRE) do Gama e, com destaque, o Programa Escola da Terra, parceria entre o Ministério da Educação (MEC), a Universidade de Brasília (UnB) e a SEEDF, que tem buscado, por meio do estudo e da coletividade, a aproximação da escola com os princípios de uma Escola do Campo.

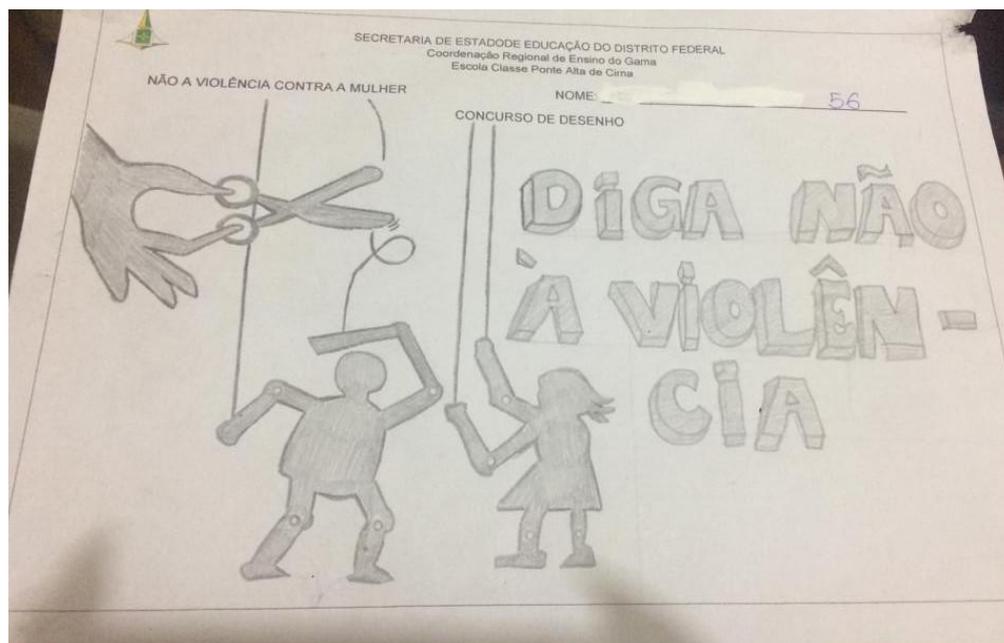
Em 2019, por meio de um levantamento da realidade de algumas famílias, constataram-se relatos de violência doméstica. Iniciou-se um plano de ação, pensando no reflexo dessa realidade na escola.

Refletir e combater essa situação de violência presente foi de grande urgência dentro da escola. Em parceria com o Sindicato dos Professores do Distrito Federal (SINPRO-DF), uma palestra (**Figura 4**) sobre feminicídio com oficinas foi realizada, a fim de orientar as famílias e promover uma rede de apoio às mulheres. Os estudantes e toda a comunidade escolar puderam exteriorizar sentimentos por meio da arte, em nível de escola e de DF, ao participar do X Concurso de Redação e Desenho do SINPRO-DF, com o tema: “Feminicídio: ato final da violência doméstica”.

Outra proposta, também realizada pela escola, foi de divulgar amplamente os canais de denúncia e de promover contato com profissionais da área de direito para assessorarem as famílias que, muitas vezes, por falta de condições, não têm acesso às informações. Debater sobre a violência contra a mulher e propor medidas que possam contribuir para acabar com a cultura patriarcal e com casos de feminicídio foi significativo para orientar acerca de uma violência que infelizmente cresce a cada dia.

Figura 4: **A)** Palestra contra o Feminicídio SINPRO-DF e ECPAC. **B)** Concurso de desenho ALUNOS – SINPRO-DF e ECPAC. **C)** Concurso de desenho PAIS – SINPRO-DF e ECPAC.





Fonte: Luz, 2019.

4 MULHERES CAMPONESAS

Não há como conceber uma escola do campo sem valorizar a representatividade feminina, inserindo-a nos aspectos pedagógicos. Tamanho é o protagonismo que as mulheres exercem, apesar de que, por diversas ocasiões, não recebam a valorização à altura do que significam para a sociedade.

A figura feminina possui intrínseca conexão com a cultura da terra, fazendo um resgate da história, conforme Figueira (2002),

No período neolítico, a agricultura e a domesticação de animais acentuaram a divisão de trabalho já existente e as mulheres, que até então se ocupavam da coleta, passaram a dedicar-se ao cultivo e à colheita de vegetais (FIGUEIRA, 2002, p. 11).

A presença feminina é marcante na história e no desenvolvimento da agricultura, como afirma Öcallan (2016):

A revolução da agricultura, a fundação de povos, as raízes do comércio e da família, era baseada na figura feminina. Muitos métodos e equipamentos utilizados hoje como por exemplo: curativo de diversas plantas, cultivo de plantas e domesticação de animais, os princípios da alimentação infantil, enxada, moedor manual, são descobertas e invenções feitas provavelmente por mulheres (ÖCALLAN, 2016, p. 31).

No decorrer da história, percebemos um fenômeno bastante desfavorável, de gerações após gerações, diversas civilizações se constituíram em uma base ideológica na qual a importância da mulher no campo, bem como em quase todos os espaços da sociedade, foi canalizada de forma a atender aos interesses de uma organização de sociedade moldada no patriarcado, machismo, sexismo e misoginia, colocando as mulheres em patamares inferiores, invisibilizando o seu trabalho e tendo violados os seus direitos de pertencer em condição de igualdade como ser humano e, assim, se perpetua até os dias atuais.

Essa realidade que inferioriza as mulheres, presente também no campo, é destacada nas Diretrizes Pedagógicas da Educação Básica do Campo para a Rede Pública de Ensino do DF (2019):

No campo, por mais que as mulheres estejam presentes em todas as etapas do processo produtivo, seu trabalho é pouco valorizado e considerado como ajuda. De forma sutil o seu lugar foi sendo historicamente invisibilizado por uma cultura machista dominante, cabendo a ela apenas ser mãe e cuidar das atividades da casa. Esta questão está ligada diretamente a um modelo familiar patriarcal predominante que persiste, principalmente no meio rural,

desde o Brasil colônia. A problematização desses elementos que limitam e comprometem a liberdade e dignidade das mulheres é que possibilitará a desnaturalização da dominação masculina (LEMOS et al., 2015, p. 7-8 apud SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL, 2019, p. 79).

No contexto atual, diante do cenário político que o Brasil está passando, é possível observar, cada vez mais, um retrocesso de ideias, deliberado pela ascensão das forças autoritárias e golpistas, estimulando ainda o comportamento de menosprezo e ódio às mulheres, que se potencializa ainda mais se for pobre, preta ou indígena.

A discriminação é um ato recorrente e ininterrupto, como declara Rousseff (2021):

Virou rotina e ainda tenta naturalizar a discriminação à mulher, sua exclusão do mercado de trabalho, seu empobrecimento, o assédio, a violência doméstica, o abuso moral e sexual, o estupro e, num limite cada vez mais frequente, o feminicídio (ROUSSEFF, 2021 apud PRESTES, 2021, p. 17).

Porém, mesmo diante de tantas adversidades, as mulheres também imprimem na história as marcas do enfrentamento contra esta ordem de dominação, haja vista algumas conquistas alcançadas.

Além da luta pela terra, incorporam a sua pauta, a sustentabilidade do uso dos recursos naturais, a biodiversidade, a educação, a ampliação dos direitos sociais, as relações de igualdade, a soberania dos povos, a segurança alimentar e o combate à violência, especialmente as enfrentadas pelas mulheres camponesas.

No que se refere às mulheres do campo, é possível verificar a presença de organizações em movimentos de luta com grande expressividade, conforme Daron e Paludo (2012), o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) destaca que:

[...] a libertação das mulheres trabalhadoras de qualquer tipo de opressão e discriminação se concretiza na organização, na formação e na implementação de experiência de resistência popular, onde as mulheres sejam protagonistas da sua história (MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS, 2004 apud DARON; PALUDO, 2012, p. 482).

Ainda de acordo com as pesquisadoras, o MMC reforça que:

A luta central é contra o modelo capitalista e patriarcal, pela construção de uma nova sociedade com igualdade de direitos. Nesse sentido, o MMC assume como principal bandeira de luta o Projeto de Agricultura Camponesa Ecológico, com uma prática feminista, fundamentado na defesa da vida, na mudança das relações humanas e sociais e nas conquistas de direitos

(MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS, 2004 apud DARON; PALUDO, 2012, p. 484).

Tratando-se da realidade da Escola Classe Ponte Alta de Cima, a presença das reflexões acerca das relações de gênero, das lutas das mulheres camponesas, reconhecendo seus legítimos anseios e necessidades, bem como sua valorização, faz parte da pauta pedagógica desta Unidade Escolar, com vistas a propiciar um ensino dentro de uma perspectiva emancipatória e ativa, com compromisso de fomentar uma educação para igualdade de gêneros, derrubando estereótipos que as inferiorizam, além de promover reflexões referentes às estruturas sociais e possíveis alternativas de mudanças. Nesse sentido, as Diretrizes Pedagógicas da Educação Básica do Campo para a Rede Pública de Ensino do DF (2019) acrescentam que:

O debate sobre a história de luta e resistência das camponesas configura-se enquanto importante instrumento de empoderamento feminino por meio do reconhecimento do protagonismo das mulheres que vivem em meio rural na busca por espaço, voz e emancipação. Nesse processo, a escola assume o papel de contribuir com a superação das assimetrias sociais ao potencializar saberes ao considerar a realidade e as especificidades dessas atrizes (SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL, 2019, p. 81).

Além de atender ao que preconiza as referidas diretrizes, essa Unidade de Ensino reconhece que são as mulheres, mães e avós, em sua maioria, que acompanham a vida escolar dos estudantes em seu desenvolvimento pedagógico; realizam grande parte das produções agrícolas da comunidade. Também são frequentes as notícias sobre violações sofridas por mulheres e crianças, em função dos comportamentos machistas que se faz presente na região e que gerou, inclusive, motivação para o desenvolvimento do plano de ação da escola no ano letivo de 2019 e apresentado no programa Escola da Terra.

5 DONA TEREZA

Na comunidade as mulheres destacam-se no tocante à produção de alimentos e práticas agroecológicas. Realidade esta, presente em muitas famílias do território. Pela relação com a escola, por já ter tido seus filhos, netos e bisnetos que estudaram ou estudam nesta unidade de ensino e pela proximidade, foi escolhida uma senhora chamada Terezinha Gomes para ser entrevistada.

Toda a escola foi mobilizada para esse momento de saída de campo. De acordo com o planejamento preestabelecido pelos corpos docente e discente, a entrevista semiestruturada foi escolhida como ferramenta a ser utilizada, proporcionando maior interação entre alunos e a entrevistada. Os assuntos foram separados em grandes blocos para que todas as turmas da ECPAC pudessem contribuir com a construção do roteiro da entrevista. Cada professor e os seus respectivos estudantes ficaram responsáveis por pensar coletivamente em questões que abordassem: os aspectos pessoais, a relação com a terra, a região e a mudança nos aspectos geográficos e humanos, a comunidade e o surgimento dos loteamentos, as semelhanças e as diferenças entre o plantio no passado e hoje, a comercialização de produtos, os alimentos antes produzidos e a sua presença ou não nos dias atuais, a busca por direitos e a representação social, a memória da construção da escola, entre outros questionamentos.

Figura 5: Estudantes no sítio da Dona Terezinha.



Fonte: Teixeira, 2022.

De acordo com o planejamento, os docentes retomaram pontos da entrevista e aprofundaram os aspectos relacionados com o conteúdo previsto nos componentes curriculares, entre eles: agroecossistema, biodiversidade e agrobiodiversidade, solo e sistemas agrários no Brasil e mundo, história da agricultura, agrotóxicos, cultura alimentar e origem dos alimentos, soberania alimentar e práticas agroecológicas de produção.

Terezinha Gomes, 83 anos, também conhecida como dona Tereza, nasceu no dia 28 de julho de 1938, na fazenda Ponte Alta, área rural da cidade do Gama-DF. No local onde nasceu hoje se encontra o loteamento Jardim Serra Dourada, município de Santo Antônio do Descoberto-GO. Filha de Antônio Simeão da Cunha, conhecido como Antônio de Camila, e Maria Gomes. Seus pais se casaram um ano antes do seu nascimento, durante um festejo na região, onde hoje é o Santo Antônio do Descoberto. Sua parteira foi uma senhora chamada Josefa, que no dia de seu parto, foi à noite, a pé, usando apenas um tição, tirado do fogo para iluminar o caminho.

Atualmente mora na fazenda Buracão, em um pequeno sítio do seu filho Joãozinho, próximo à fazenda Ponte Alta, a aproximadamente dez quilômetros do local onde nasceu. Conta sobre sua primeira morada:

“Primeiro lugar que lembro de nós morar foi lá mesmo onde eu nasci. Tinha um pé de coco macaúba que tem a minha idade. Vi nascendo pequenininho, só com duas folhas brotando e tá lá até hoje” (DEPOIMENTO DE DONA TEREZA).

Ainda pequena, teve de mudar-se, após um incêndio destruir a casa de palha onde morava.

Sua mãe, muito doente, acaba falecendo com Terezinha ainda criança. Ela recorda a fala de sua mãe: *“olha aí gente, não vão judiar de minha filhinha, não! Foi a derradeira coisa que ela falou”*.

Após a morte de sua mãe, Terezinha fica aos cuidados de seu pai e de uma irmã um pouco mais velha. E, algum tempo depois, o seu pai também morreu. A partir de então, ela e a irmã foram sendo criadas por pessoas próximas, assim como lembra: *“depois da morte do pai, não podia mais ficar na casa, porque Maria já estava moça e não tinha nenhum irmão. Aí teve de ficar igual cachorro bandoleiro, pelas casas dos outros; ficava pra baixo e pra riba”*.

Figura 6: Dona Terezinha com seu café recém-torrado.



Fonte: Luz, 2022.

Teve sete filhos ao todo. Seis (José, João, Joana, Antônio Joaquim e Valdivino) do primeiro casamento e um (Natal) do segundo. De acordo com o relato de uma de suas netas, dona Tereza, representa o alicerce da família. Todos eles se espelham na força que ela tem e a chamam de matriarca da família Gomes.

De acordo com Caldart et al. (2012), existem dois projetos educativos contraditórios presentes no território camponês:

A Educação do Campo se confronta com a “Educação Rural”, mas não se configura como uma “Educação Rural Alternativa”: não visa a uma ação em paralelo, mas sim à disputa de projetos, no terreno vivo das contradições em que essa disputa ocorre (CALDART et al., 2012, p. 7).

A Educação do Campo, nesse sentido, coloca o indivíduo como protagonista nos processos de formação da pessoa humana, seja na cultura, nos valores, nos meios de produção, no trabalho e, principalmente, nos meios sociais, sendo agentes de transformação e de resistência à Educação Capitalista.

Dona Tereza apresenta dificuldades de escolarização na infância e na Educação de Jovens e Adultos (EJA), mostrando em sua fala a falta de oportunidades e de uma Educação Rural na qual ela estava inserida: *"colocou nois na escola, mas*

*foi poucos dias. Era rapaz grande, moça grande e nois pequeno, a mais **pequeninha** era eu e a finada Rosa”.*

A escola na qual a senhora tentou se inserir estava fora do seu convívio e do seu contexto. Ainda assim, ela valoriza a escola como espaço de transformação, quando diz que os seus filhos deveriam permanecer na escola:

“A dona Creusa, aí da igreja, começou a dar aula pra nois. Eu mais Joãozinho, dona Damiana, a mulher do Toinho, nois juntou [...] Quando eu comecei a pegar, achando bã, a dona Creusa foi embora, acabou a escola” (DEPOIMENTO DE DONA TEREZA).

Terezinha relata que, quando se recorda desses tempos, sente enorme vontade de chorar e ainda fala do quanto a escola é importante. Gostaria muito que seus filhos tivessem estudado mais. No dia da entrevista semiestruturada, conforme planejamento, foi possível registrar o encontro das 4 gerações (**Figura 5**), tendo parte delas estudantes da ECPAC.

Figura 7: Dona Terezinha com filha, neta e bisnetos.



Fonte: Luz, 2022.

Identificou-se que o trabalho da dona Tereza se aproxima da agricultura camponesa, que tem enfoque na luta pela terra e pela reforma agrária, trazendo possíveis condições de reconstrução da identidade dos camponeses e dos trabalhadores do campo, não se deixando vencer pelo capital. Nela são necessárias estratégias de sobrevivência, resistência e respeito pelo meio ambiente, não usando

insumos químicos, sementes híbridas e geneticamente modificadas e toda prática degradante. Não visa o lucro, retira os produtos do trabalho que a sustenta e somente comercializa o alimento excedente. É notório o reconhecimento e valorização do campo, quando relata: *“a terra é o melhor que tem”*.

No Brasil, cerca de 21,1% da população economicamente ativa do país está envolvida com o trabalho no campo, apresentando diversas formas de relação. Desse modo é possível, por meio da entrevista, verificar que a família de dona Terezinha representava o grupo de meeiros. Ela relata um evento muito marcante da sua infância e presente em sua memória, o incêndio que destruiu a colheita de arroz. O pai dela já havia retirado a parte que lhe cabia e por um acidente ele tentava salvar o que seria dos donos da terra. À época, ele era “meeiro”, entrando com a força do seu trabalho.

O cultivo e o trabalho (**Figura 8**) realizado com a matéria-prima estão fortemente presentes na fala de Dona Tereza, quando na entrevista menciona:

“Da cana pode fazer rapadura, tirar o mel, faz batida [...] Mas agora eu estou embarçada. Meu engenho está quebrado. Nois moía cana, nois fazia açúcar, nois fazia pinga, tudo passou pelas minhas mãos. O ponto do mel eu sei tudinho, até ficar no ponto de ir pôr nessa masseira, nessa forma. Fez o mel, bate o mel bem batidinho, vem com barro bem molinho, põe em cima, deixa lá e aí ele vai pingando o mel por baixo, coando” (DEPOIMENTO DE DONA TEREZA).

Diante do processo de colonização e trabalho utilizando inicialmente os indígenas e posteriormente os africanos, na condição de mão de obra escrava, a cultura de produção foi repassada e atualmente ficou como legado.

Dona Tereza enfatiza a importância dos saberes e fazeres do campo serem transmitidos de geração em geração, quando diz:

“Eu falei para os meninos: oh, enquanto eu tô viva, se vocês enfrentasse, plantar mais cana que as outras coisas eu sei que vocês sabem fazer. Eu ensino vocês, faz uma masseira pequena assim. Tem condições, meu filho trabalha com madeira sabe fazer a forma” (DEPOIMENTO DE DONA TEREZA).

Figura 8: Dona Tereza junto ao seu engenho.



Fonte: Dias, 2022.

As condições climáticas do Brasil favoreceram a expansão da produção da cana-de-açúcar, iniciando nos engenhos e aperfeiçoando suas técnicas nas usinas. O seu cultivo é mostrado de forma detalhada, de acordo com Szmrecsányi (1979):

“A cana cresce em forma de touceiras, constituídas por uma parte subterrânea (raízes e rizomas, de onde sai uma nova touceira após o corte da cana) e outra aérea (de colmos, folhas e flores). A partir do colmo se prepara novas mudas (que obedece às fases de germinação, perfilhamento, crescimento, maturação e colheita) e também extrai o caldo, de onde se inicia a produção do açúcar e mais tarde do álcool” (SZMRECSÁNYI, 1979).

Dona Tereza cultiva café em sua propriedade e desse produto que plantou, colheu, torrou e o tornou próprio para o consumo é possível trazer reflexões quanto aos aspectos econômicos e à qualidade do alimento produzido, quando relata:

*“Um pezinho que Joãozinho plantou, eu peguei uma **gainha**, não dava pra nada. Eu raspei ela madura, levei, **sameei** dentro do mato lá. Ela nasceu, já tava a muda desse tamanho. Joaquim arrancou e plantou. Deu 24 pés de café, mas quando foi arrancar para plantar não tinha mais. É desse que torrei hoje. Meu fi até falou que este tanto de café que eu arrumei, pelo preço que tá o café no mercado, isso daqui dá uns R\$ 60,00” (DEPOIMENTO DE DONA TEREZA).*

Figura 9: Dona Tereza torrando café produzido em suas terras.



Fonte: Dias, 2022.

Na História do Brasil, as terras foram fortemente exploradas e os produtos cultivados dependiam das exigências internacionais. É notório que o Ciclo do Café impulsionou fortemente a história da economia do país.

Hoje o Brasil é o primeiro produtor e o segundo consumidor mundial de café. De acordo com o Jornal do Sudoeste (2022):

No contexto da produção mundial de café, a qual foi estimada em 168,9 milhões de sacas de 60kg para o ano- cafeeiro 2020-2021, verifica-se que a produção do tipo arábica foi calculada em 99,3 milhões de sacas, volume que corresponde a 59% da produção mundial (JORNAL DO SUDOESTE, 2022).

Devido a problemas logísticos, como redução na oferta de grãos após uma safra baixa em 2021, falta de espaços nos navios e efeitos climáticos, o diretor geral do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (CECAFÉ), Marcos Matos, afirma que esses fatores acarretaram elevações dos preços.

Nota-se aqui que as experiências de vida das pessoas do campo são riquíssimas e podem tornar as aulas mais atraentes e enriquecedoras. A seleção dos conteúdos cabe à organização e à intencionalidade do planejamento feito pela escola e pelo corpo docente.

Dessa forma, podemos concluir que o Brasil é fruto de sua herança nos tempos ainda de colônia, que os conhecimentos foram deixados como legados. E, atualmente, verificamos que a sociedade brasileira sofreu influências culturais, sociais, econômicas, dentre outras. Conforme breve relato de dois períodos muito importantes para a economia do Brasil, é possível considerar o país baseado em uma economia agroexportadora.

6 RELAÇÃO DA ESCOLA DO CAMPO E A CONSTRUÇÃO DOS PRINCÍPIOS AGROECOLÓGICOS VIVENCIADOS POR UMA MORADORA DA COMUNIDADE

A visita de campo e o diálogo com a dona Tereza revelaram que o trabalho construído e desenvolvido na ECPAC ao longo dos anos está fortemente ligado com as práticas da comunidade, respeitando o meio ambiente e os saberes e fazeres do campo, quando os alunos trazem para o chão da escola as experiências do seu cotidiano e dos seus familiares. Ainda são desafios a proposta de uso produtivo da terra para o consumo sustentável e ampliação de reflexões e provocações capazes de despertar na comunidade a consciência crítica em relação aos seus direitos e necessidade das organizações e lutas para melhoria das condições de vida e de trabalho no campo.

Para a Escola do Campo como espaço de formação social e política dos indivíduos, promover reflexões diante desta realidade onde se impõem meios de produções agrárias com base na lógica de ocupação das terras pelas forças hegemônicas capitalistas visando atender às necessidades do mercado, é fundamental para as lutas, as resistências na busca de um modelo sustentável de cultivo da terra, bem como as transformações sociais com vistas a desarticular esta política excludente e degradante não apenas quanto ao uso da terra, mas também em relação aos cidadãos e cidadãs.

Os efeitos dessa lógica capitalista de produção, da forma como se apresenta, assumem uma atuação visivelmente contraditória, onde pode-se constatar que, ao mesmo tempo em que produz um grande lucro para os setores agropecuários, uma parcela cada vez maior da sociedade, tanto do campo quanto da cidade, é afetada pela precariedade de recursos para garantir minimamente o seu bem-estar, chegando inclusive não ter garantida a sua segurança alimentar.

É uma lógica de produção que traz efeitos nefastos ao meio ambiente com práticas de monoculturas, uso de agrotóxico e fertilizantes industriais, devastação de florestas nativas, destruição de recursos hídricos e ecossistemas, ações que podem inviabilizar a vida no planeta. Somado a tudo isso, ainda temos os conflitos agrários, com ocupações ilegais e violação de direito dos povos do campo.

Diante desse cenário, a agroecologia apresenta-se como uma alternativa para se contrapor a esta realidade, uma vez que viabiliza o desenvolvimento de sistemas de produção agrários com base na sustentabilidade ambiental e incorpora também, em igual importância, os aspectos culturais, sociais e econômicos, sempre com uma visão crítica das relações sociais nesta produção.

Os saberes e fazeres do campo são importantes para a consolidação do conhecimento e construção de uma agricultura sustentável. Nesse sentido, Legnaioli (2021) apresenta que:

A agroecologia tem como base a sistematização e consolidação de saberes (empírico tradicional ou científico), visando a agricultura ambientalmente sustentável, economicamente justa. Podendo ainda ser entendida como uma disciplina científica, uma prática agrícola ou como movimento político, ou seja, não existe isoladamente, mas uma diversidade de saberes científicos, populares e tradicionais (LEGNAIOLI, 2021).

Também em diálogo com os achados desta pesquisa, Caldart (2021) afirma que a Agroecologia:

[...] pode ser definida como um processo vivo de sistematização científico cultural da transformação histórica da agricultura desde seus próprios fundamentos, ou seja, desde sua base camponesa. [...] Agricultura é cultivo da terra para produção de alimentos que são portadores de vida e a preservam. Vida humana e vida da natureza da qual o ser humano é parte. Em sua base a Agroecologia reúne práticas, conhecimentos científicos diversos, relações sociais, lutas políticas e práticas educativas. Tem raiz indígena e camponesa. Junta ciência e memórias ancestrais de cultivo da terra e de relação do ser humano com a natureza, para pensar outro paradigma de avanço das forças produtivas da agricultura (CALDART, 2021, p. 357).

A ECPAC como escola no, do e para o campo busca respeitar, valorizar e cuidar do meio ambiente, propondo práticas de plantio e conservação do solo livres de agrotóxicos. Também procura maximizar a matéria orgânica e reciclagem de nutrientes, integrando as culturas, as árvores e os animais no mesmo sistema, promovendo ações que valorizem as práticas agroecológicas por meio do desenvolvimento do Projeto Horta, norteador do trabalho pedagógico. Assim, os conhecimentos ligados às Ciências da Natureza, à Matemática e às Linguagens partem da realidade e se unem ao conhecimento popular. Como laboratório vivo, em constante movimento, muitas são as possibilidades de reflexões, pesquisas e aprendizagens obtidas por meio desse projeto.

A proposta do PPP é continuar com os trabalhos desenvolvidos no coletivo, buscando formações e parcerias para o desenvolvimento de ações que promovam a valorização da identidade dos sujeitos do campo e a qualificação do trabalho pedagógico contextualizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Participar desta Especialização em Educação do Campo tornou-se uma oportunidade singular para a reflexão acerca de práticas pedagógicas e agroecológicas que podem ser desenvolvidas na comunidade escolar, favorecendo aproximação, conhecimento do território de efetivo exercício e, acima de tudo, fomentando uma reflexão profunda acerca da importância dos saberes e fazeres do campo.

Por meio de documentos e troca de experiências exitosas entre unidades de ensino dentro do Distrito Federal e de outras regiões do Brasil, foi possível reconhecer que as Escolas do Campo e no campo têm uma responsabilidade muito grande com a função social significativa. Ainda assim, verifica-se que as políticas públicas de Educação do Campo no Distrito Federal estão distantes das exigências.

É urgente e necessário maiores discussões e ações que possibilitem uma educação contextualizada, ou seja, a política pedagógica da Secretaria de Educação ainda não atende em sua totalidade as especificidades da Educação do Campo. É necessário maior engajamento por parte dos docentes e equipes gestoras para avançarmos nessas políticas.

Em relação à prática pedagógica da Escola Classe Ponte Alta de Cima, observa-se que essa unidade de ensino busca uma valorização da identidade camponesa, desenvolve um Projeto Político-Pedagógico que aproxima das questões agroecológicas, incentiva o cultivo de alimento e a soberania alimentar.

Ao longo dos anos, vários elementos contribuíram para que as práticas pedagógicas se tornassem cada vez mais significativas na busca do pertencimento ao território: fortalecimento da identidade camponesa, reconhecimento da terra como bem precioso e seu cultivo responsável, valorização das diversas manifestações e respeito às experiências individuais e coletivas.

Nesse sentido, esta formação exerceu favoravelmente grande importância, dando oportunidades de leitura e conhecimentos de princípios da Educação do Campo, dos marcos normativos e, ainda, reflexão profunda acerca de práticas agroecológicas que podem ser desenvolvidas dentro da escola a partir dos conhecimentos das pessoas da própria comunidade.

É possível buscar estratégias para um aprofundamento ainda maior, que valorize os sujeitos do campo e torne a escola mais significativa para os alunos que dela fazem parte, rompendo seus limites na luta por uma educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, P. Modernização da Agricultura. *In*: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (org.). **Dicionário de Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Expressão Popular, 2012.

ARAÚJO, M. **Exportações brasileiras de café sobem em fevereiro pela 1ª vez em oito meses**. Disponível em: <https://www.jornaldosudoeste.com/exportacoes-brasileiras-de-cafe-sobem-em-fevereiro-pela-1a-vez-em-oito-meses/>. Acesso em: 10 abr. 2022.

BEIT CHABAD CENTRAL. **A história do café**. Disponível em: <http://www.chabad.org.br/biblioteca/artigos/cafe/home.html>. Acesso em: 10 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Conselho Nacional de Educação (CNE). Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002: institui diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo. **Diário Oficial da União**, seção 1, Brasília, DF, 9 abr. 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13800-rceb001-02-pdf&category_slug=agosto-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 13 jan. 2022.

CALDART, R. S. **Sobre Educação do Campo**. Disponível em: <https://docplayer.com.br/75008989-Biblioteca-para-o-curso-de-educacao-do-campo.html>. Acesso em: 13 fev. 2022.

CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (org.). **Dicionário de Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Expressão Popular, 2012.

DARON, V. L. P.; PALUDO, C. Movimento de Mulheres Camponesas (MMC BRASIL). *In*: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (org.). **Dicionário de Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Expressão Popular, 2012.

DISTRITO FEDERAL (estado). **Diretrizes Pedagógicas da Educação Básica do Campo para a Rede Pública de Ensino do Distrito Federal**. 2019.

FERNANDES, B. P. Território Camponês. *In*: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (org.). **Dicionário de Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Expressão Popular, 2012.

FERREIRA, L. T.; SANTOS, J. **Brasil consome 21,5 milhões de sacas de café em 2017**. Notícias. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/31768082/brasil-consome-215-milhoes-de-sacas-de-cafe-em-2017>. Acesso em: 9 abr. 2022.

FIGUEIRA, D. G. **História**. 2. ed. São Paulo: Editora ática, 2002.

INTERNATIONAL COFFEE ORGANIZATION. **Relatório do mercado de café**. Disponível em: <https://www-ico-org.translate.google/? x tr sl=en& x tr tl=pt& x tr hl=pt-BR& x tr pt=sc>. Acesso em: 10 abr. 2022.

LEGNAIOLI, S. **Agroecologia**: o que é e características. Disponível em: <https://ecycle.com.br/agroecologia>. Acesso em: 13 mar. 2022.

ÖCALAN, A. **Libertando a vida**: a revolução das mulheres. São Paulo: Fundação Lauro Campos, 2016.

PRESTES, A. et al. **Os cem anos de luta pelo voto feminino no Brasil, Argentina e Uruguai**. Porto Alegre RS: Instituto e se fosse você, 2021.

RIBEIRO, D. S.; TIEPOLO, E. V.; VARGAS, M. C.; SILVA, N. R. **Agroecologia na educação básica**: questões propositivas de conteúdo e metodologia. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

TOP MAIS VIA PEABIRUS. **Top 10**: maiores produtores de café do mundo. Notícias. Disponível em: <https://cocapec.com.br/noticias/top-10-maiores-produtores-de-cafe-do-mundo/>. Acesso em: 14 abr. 2022.

WIKIPÉDIA. **Ciclo do açúcar**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ciclo_do_a%C3%A7%C3%BAcar. Acesso em: 10 abr. 2022.